

A PESQUISA NO PROEJA DO COLÉGIO PEDRO II: O CASO DA FÁBRICA DE PÓLVORA DO JARDIM BOTÂNICO (RJ).

Arnaldo Barbosa de Melo Filho (1).

(1) Autor; Professor de Geografia do Campus Engenho Novo II do Colégio Pedro II/MEC. E-mail: arnaldomelo@terra.com.br

Resumo:

O Colégio Pedro II, fundado em dois de dezembro de 1837, constitui-se hoje é um órgão vinculado ao MEC. O Programa Nacional de Integração da Educação profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de jovens e Adultos foi implantado no ano de 2006 atendendo a novas diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação que equiparou a instituição aos Institutos Federais. O trabalho é um relato de experiência realizado com educandos do Proeja do Campus Engenho Novo II. A introdução e valorização do trabalho de campo na modalidade educação de jovens e adultos criam oportunidades de ressignificar os espaços de aprendizagem e a ação teórica e metodológica dos docentes para atender ao novo corpo discente da instituição, isto é, alunos-trabalhadores com saberes do seu espaço vivido e com uma leitura do mundo que deve ser valorizada no chão da sala de aula. É necessário construir um currículo vivo e comprometido com uma organização dialógica, tornando nossos educandos sujeitos do processo ensino-aprendizagem. Fazer da prática pedagógica uma ação política na defesa do direito da escolarização de jovens e adultos com qualidade social, garantindo a permanência e a articulação dos conteúdos com a realidade social. As atividades desenvolvidas no espaço escolar e no bairro do Jardim Botânico, na cidade do Rio de Janeiro, são fruto dessa inquietação. À incorporação da modalidade de ensino PROEJA abre possibilidades para discutir o currículo da instituição. Os saberes e fazeres de uma prática educativa interdisciplinar e contextualizada está relacionada com uma ação política na defesa do direito da escolarização de jovens e adultos, resgatando a articulação dos conteúdos com a realidade social e construindo uma educação transformadora.

Palavras-chave: Proeja, Trabalho de campo e Geografia Escolar.

Pequeno histórico do Colégio Pedro II:

A história do Colégio Pedro II confunde-se com a própria história da educação brasileira, especialmente no que diz respeito ao ensino público. Suas raízes remontam ao século XVIII. O Professor Aluísio Jorge do Rio Barbosa, em sua “Nótula Histórica” sobre o Colégio Pedro II, relata: “Em 1739, há 250 anos, fundava-se o Colégio dos Órfãos de São Pedro por inspiração de D. Antônio de Guadalupe, 4º Bispo do Rio de Janeiro”. Em 1766, ganhou novas instalações na Capela de São Joaquim, aproximadamente no local onde se encontra o Colégio Pedro II – Unidade Centro. Transformou-se, então, no Seminário de São Joaquim, dando continuidade à atividade moral, religiosa e intelectual anteriormente iniciada. Por ato de D. João VI, foi arbitrariamente extinto, em 1818. O Príncipe Regente, o futuro D. Pedro II, em 1821, o restabeleceu. Dez anos depois, em 1831, foi remodelado e passou a ser administrado pelo Governo Imperial.

Em 1837, Bernardo Pereira de Vasconcelos, grande ministro do Império, apresentou à assinatura do Regente Pedro de Araújo Lima o decreto que reorganizava completamente o Seminário de São Joaquim que recebeu o nome de COLÉGIO PEDRO II, em homenagem ao Imperador-menino, no dia de seu aniversário – 2 de dezembro”.

Inaugurado com a presença do Imperador, das Princesas, suas irmãs, de todo o Ministério, do Regente e de outros dignitários do Império, o Colégio foi organizado segundo os padrões educacionais europeus, espelhando-se do Collège Henri IV, de Paris. O Imperial Colégio Pedro II foi criado para servir de modelo às “aulas avulsas” e a outros estabelecimentos de ensino do Município da Corte e das Províncias.

O Colégio foi dividido, em 1857, em duas seções: Externato e Internato. A criação do Internato teve como objetivo ampliar o número de vagas do Colégio, contribuindo para a necessária formação cultural dos representantes das elites regionais. E acrescenta o Professor Aluísio Jorge do Rio Barbosa: “Em 1858, o Internato começou a funcionar na Chácara do Engenho Velho, na Rua São Francisco Xavier, próximo ao Largo da Segunda-Feira, na Tijuca”. De lá, em 1888, transferiu-se para o Campo de São Cristóvão, onde se encontram, hoje, as Modernas instalações da Reitoria e os Campi de São Cristóvão I, II e III. As antigas instalações de Internato foram destruídas por um incêndio em 1961.

Com a Proclamação da República, em 1889, o Colégio teve seu nome mudado. Passou a denominar-se Instituto Nacional de Instrução Secundária, e, posteriormente, Ginásio Nacional. “Em 1911, voltou a ter seu glorioso nome de origem - COLÉGIO PEDRO II.”

Introdução

O Colégio Pedro II, fundado em 2 de dezembro de 1837, localizado no Rio de Janeiro, constitui-se hoje é um órgão vinculado ao Ministério da Educação, cuja missão é ministrar ensino público e gratuito na educação infantil, no ensino fundamental anos iniciais, no ensino fundamental anos finais, no ensino médio regular, no ensino médio integrado regular, no ensino médio integrado na modalidade jovens e adulto (Proeja) e recentemente com a pós-graduação orientando programas de mestrado profissional em educação.

Ao longo das últimas duas décadas estão sendo realizadas as adaptações curriculares no ensino e na aprendizagem através dos colegiados realizados pelos diferentes departamentos que são os responsáveis pela sistematização da discussão política e pedagógica com ampla participação dos docentes. Essas mudanças são percebidas, em nível de organização de conteúdos relacionados com as transformações do mundo da técnica, da ciência da informação e de orientações teóricas e metodológicas, que permitem identificar essas adaptações e de outros indicadores acadêmicos que continuam influenciando na construção da Geografia Escolar da instituição.

A análise histórica de construção de um currículo revela os caminhos seguidos por um grupo social ou uma instituição na formação ou intenção formadora de seus sujeitos/atores no campo social. Conhecendo os caminhos percorridos pelas instituições podemos traçar o perfil esperado por elas e suas pretensões de intervenção na sociedade.

Nessa linha, delinea-se a importância de conhecermos as tensões geradas nessa passagem de tempo, dentro dos Campi do Colégio Pedro II, precisamente no ensino da Geografia Escolar numa instituição da Rede de Ensino Federal, objetivando que essa análise possa contribuir para uma generalização no trato com as situações de conflito que estão presentes no cotidiano. A ação docente na sala de aula é um elemento de análise para se pensar o currículo. E utilizando as palavras de Arroio para ampliar e aprofundar o debate, “é dever dos docentes abrir os currículos para enriquecê-los com novos conhecimentos e garantir o seu próprio direito e dos alunos à rica, atualizada e diversa produção de conhecimentos e de leituras e significados.” (Arroyo, 2011, p.37).

Com a implantação do Ensino Médio Integrado na modalidade Jovens e adultos a instituição está vivendo um momento de inquietação, já que o currículo tradicional não atende ao novo grupo de discentes formado por jovens e adultos trabalhadores oriundos das classes

populares e com um histórico de abandono do espaço escolar ao longo da sua trajetória de vida.

Penso que é necessário garantir o direito à escolarização de jovens e adultos e de tomar como função social da instituição a garantia desse direito. Portanto é necessário construir um currículo vivo e vivido com uma organização dialógica, com base na práxis-teoria-práxis, num processo indutivo que torna nossos educandos sujeitos do processo ensino aprendizagem. Para Arroyo (2011) estamos vivendo uma retomada conservadora que reafirma a missão docente de transmitir conteúdos sem significados, tornando a Geografia escolar distante da realidade social, além de desvalorizar ou ignorar o saber do aluno trabalhador.

Considerando que a prática docente no chão da sala deve ser alvo do debate na política do currículo, uma vez que revela todo o processo de construção de uma educação baseada na problematização, além de deixar evidentes os conflitos que se materializam na estrutura de poder formada pelos diferentes sistemas de ensino. No caso do Sistema de Ensino Federal percebemos contradições e ambiguidades que se materializam na implantação de um novo projeto de EJA, que na sua essência mostra a necessidade de um amplo debate sobre um currículo que atenda os reais anseios e desejos do aluno trabalhador.

No caso do Colégio Pedro II o Proeja foi implantado no ano de 2006 atendendo a novas diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação que equiparou a instituição aos Institutos Federais. Vale ressaltar que a incorporação dessa modalidade não foi discutida amplamente com os departamentos pedagógicos e principalmente com os docentes que seriam os responsáveis diretos pela implantação do projeto nos seus diferentes campi espalhados pelos bairros da cidade do Rio de Janeiro.

A gestão colegiada propicia a construção de um ambiente organizacional que incentiva os docentes a agirem pedagogicamente criando alternativas inovadoras, visando à qualidade da educação básica melhorando o atendimento na modalidade jovens e adultos, além de criar um espaço de discussão e pactuação para elaborar uma agenda de trabalho que articule o Projeto Político Pedagógico da instituição e as diretrizes que norteiam uma educação problematizadora, uma aprendizagem contextualizada e significativa. Essa compreensão permite que a autonomia docente se materialize na prática curricular, a seleção de conteúdos a partir de eixos temáticos e de elementos do cotidiano dos discentes que possam trazer uma Geografia escolar articulada com uma educação emancipatória.

O presente trabalho é fruto dessa inquietação, a necessidade de não reproduzir no Proeja o currículo do Ensino Médio Regular. Fazer da prática pedagógica uma ação política na defesa do direito da escolarização de jovens e adultos com qualidade social, garantindo a permanência e a articulação dos conteúdos com a realidade social.

Desenvolvimento:

A Geografia, como sabemos, é a ciência que estuda o espaço geográfico no que concerne à relação entre sociedade e natureza. Assim sendo, tanto o espaço produzido pelas sociedades rurais e urbanas quanto o espaço natural superficial são objetos de estudo dessa importante ciência, que articulam os seus métodos e suas abordagens em categorias de análise, tais como a paisagem, o lugar, a região e o território.

Nesse sentido, a execução do trabalho de campo é de fundamental importância para a observação dos objetos analisados por essa ciência, sendo também muito útil no ensino do conhecimento geográfico na Educação dos Jovens e Adultos. Trata-se de uma ferramenta que permite verificar, confirmar ou falsear dados e informações, além de também poder fornecer novas perspectivas para aquilo que se pesquisa. É claro que, para uma melhor execução dessa metodologia, tanto para fins didáticos de uma *aula de campo* quanto para fins de estudos acadêmicos ou científicos, é preciso que se realize um planejamento articulando o conhecimento geográfico com a construção dos conceitos.

O trabalho de campo acompanhou as transformações do sistema capitalista, atingindo a Geografia até a contemporaneidade e, no entanto, apresenta-se como o principal ponto comum entre os geógrafos. De acordo com Venturi (2011):

[...] o campo é onde a complexidade da realidade é revelada e conduzida à compreensão do geógrafo, munido de seus principais conceitos, como paisagem, espaço, região e lugar, por exemplo, os quais materializam na realidade, dão sentido a ela e dela obtém sentido. É onde as fronteiras acadêmicas das disciplinas deixam de fazer sentido e são substituídas por inúmeras conexões entre os fatos observados, num processo de reconstrução conceitual (2011, p.21).

O Espaço geográfico possui diversos elementos que contribuem para sua melhor compreensão, e foi assim definido por Milton Santos, por possuir **forma, função, estrutura e processo**. O espaço de certa forma é investigado por diversas ciências, porém é na geografia que encontramos um maior acervo de livros e de informações mais convincentes sobre o assunto. As quatro definições: forma, função, estrutura e processo, não agem isoladamente, todas elas possuem uma dinâmica e estabelecem articulações e arranjos espaciais.

No livro Espaço e Método, Milton Santos (1985) apresenta as quatro categorias como pilares, fortalecendo o estudo da construção do espaço geográfico e considerando as complexas e mutáveis relações entre a existência e a reprodução social. O estudo da espacialidade humana está diretamente relacionado com uma análise dos arranjos espaciais, valorizando todas as articulações no tempo e no espaço entre estrutura, processo, forma e função. Esta perspectiva permite uma investigação sobre os diferentes caminhos na organização e reorganização do espaço geográfico, nos quais há uma dialética em ação.

A pesquisa foi direcionada para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, localizado na zona sul da cidade e que apresenta uma intensa valorização do seu território devido às novas funções que foram acrescentadas na organização espacial da região.

Sabemos que forma e função estão articuladas, de modo geral para alterar a função altera-se a forma. Suas funções estão associadas ao elevado valor do solo urbano, já que a estrutura desse espaço foi organizada para atender ao processo de ocupação humana e econômica da cidade do Rio de Janeiro.

A proposta era estabelecer uma conexão entre o conhecimento construído no chão da sala de aula com a organização e os problemas do espaço urbano na cidade Rio de Janeiro, através da pesquisa científica e da análise das informações coletadas no campo.

Os alunos do Proeja/Ensino Médio do Colégio Pedro II Campus Engenho Novo II elaboraram durante as aulas de Geografia no segundo semestre, um roteiro para ser utilizado no Projeto Interdisciplinar Jardim Botânico no dia 17 de setembro de 2016. No planejamento e na organização do trabalho foram realizadas várias atividades pedagógicas na sala de aula com os alunos do terceiro ano reafirmando o compromisso com:

1- Uma educação geográfica problematizadora.

“Nas cidades é comum observarmos contrastes sociais e econômicos”. Na paisagem do Jardim Botânico existem construções antigas e novas? As antigas estão conservadas? E as formas? Quais as novas funções?

“Não encontraremos uma paisagem igual à outra”. Os elementos de uma paisagem possibilitam identificar construções em diferentes momentos Históricas? Vamos identificar e analisar o processo e a estrutura?

“A Real Fábrica de Pólvora da Lagoa Rodrigo de Freitas deixou marcas no espaço geográfico do Jardim Botânico”? Vamos pesquisar as transformações no espaço geográfico?

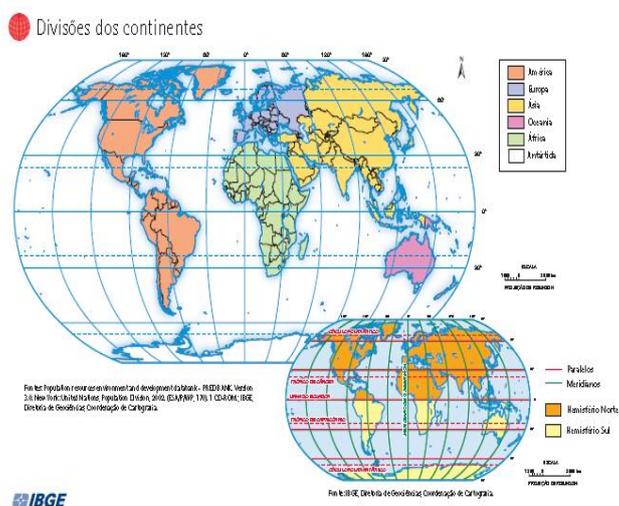
2- O desenvolvimento da competência leitora no Proeja.

No caso do ensino da Geografia, é reconhecida a forte relação com imagens, gráficos e mapas, além dos textos científicos, jornalísticos, literários etc. O importante é fazer deles instrumentos que levem os alunos a posturas reflexivas em relação ao mundo e suas transformações, promovendo uma leitura crítica da espacialidade produzida socialmente e que pode ser estudada por meio de diferentes escalas geográficas. Assim, espera-se que o aluno do Proeja desvende a realidade, desenvolva o raciocínio espacial, o que contribui para a prática da cidadania.

O importante é que o aluno desenvolva autonomia, incentivando-o por meio dos gêneros textuais a ler, interpretar, pesquisar, debater e agir de maneira mais consciente no contexto social, econômico, político e ambiental.

3- A multiescalaridade no ensino de Geografia.

O Espaço Mundial.



O Espaço Brasileiro.



O Estado do Rio de Janeiro.



Disponível em <<http://atlascolar.ibge.gov.br/mapas-atlas/>>. Acesso em: 09 de setembro. 2017.

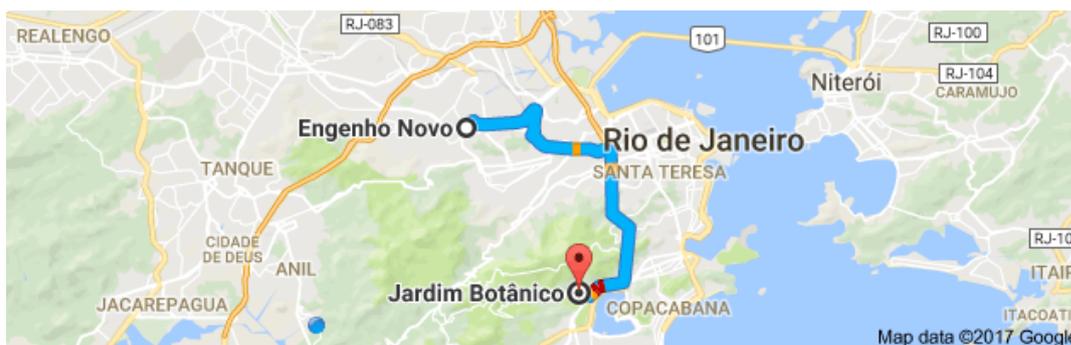
A Cidade do Rio de Janeiro.



O Bairro do Jardim Botânico.



O roteiro do trabalho de campo: do Campus Engenho Novo II ao Jardim Botânico.



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/vt/>>. Acesso em: 09 de setembro. 2017.

O conceito de escala geográfica expressa as diferentes dimensões ou recortes para o estudo dos conteúdos e temas geográficos. A multiescalaridade é uma abordagem importante no tratamento dos conteúdos geográficos em sala de aula, pois é fundamental para a construção de raciocínios espaciais complexos pelos alunos. Ela pode ser compreendida como a articulação dialética entre as diferentes escalas de análise durante o tratamento dos conteúdos e temas ensinados em Geografia.

O Jardim Botânico localizado na zona sul carioca é uma área de lazer e também um espaço de pesquisa e de produção científica, aproveitando sua história, riqueza natural e diversidade biológica são desenvolvidos vários projetos no campo da educação, da ciência e da cultura.

Vale ressaltar que no seu cotidiano movimenta recursos materiais, humanos e científicos que estão presentes na organização espacial da cidade do Rio de Janeiro. Por ser um lugar de grande visibilidade na zona sul carioca, é fácil conseguir dados e informações que podem ser aproveitados por professores e alunos como fontes de pesquisa e projetos que ajudam a ampliar o repertório dos estudantes por meio de atividades que proporcionaram o interesse dos alunos do Proeja pela construção dos conceitos geográficos.

A realização da pesquisa no campo é uma boa oportunidade para envolver os alunos numa atividade que abrange outros espaços de aprendizagem, várias áreas do conhecimento humano e as disciplinas do currículo, garantindo a interdisciplinaridade e a contextualização com um enfoque diferenciado e atual.

O trabalho no campo realizado com uma das etapas da pesquisa escolar possibilitou aos alunos articular os conceitos científicos de forma, função, processo e estrutura com a construção e reconstrução do espaço geográfico do Jardim Botânico.

O levantamento e coleta de dados, documentos, imagens e mapas permitiu investigar as transformações espaciais e os novos arranjos do lugar. Os alunos descobriram que um marco do início do Jardim Botânico, o Portal da antiga Fábrica de Pólvora, criada em 1808, ainda possui o brasão da Coroa Portuguesa do Brasil-Colônia. Em 1831 sofreu uma grande explosão da qual somente sobraram às ruínas de seus muros construídos com óleo de baleia. Hoje, o espaço abriga a coleção de plantas medicinais, parque infantil, comércio e serviços.

Considerações Finais:

O trabalho foi apresentado pelos alunos da turma PA 301 como uma das atividades de pesquisa do Projeto Interdisciplinar Jardim Botânico realizado nos dias 09 e 10 de novembro de 2016 no Campus Engenho Novo II para toda a comunidade escolar.

A partir dos relatos percebeu-se que ensinar e aprender Geografia através de trabalhos de campo é uma prática que proporciona o contato com a realidade de forma mais atrativa, no sentido de possibilitar a observação direta dos fenômenos ambientais e culturais, por meio da investigação científica, contemplação e também de lazer.

O estudo dos conceitos geográficos e a pesquisa escolar na educação básica na modalidade jovens e adultos criaram novos caminhos para sistematizar os conteúdos da Geografia Escolar com a valorização do trabalho de campo no processo de construção do conhecimento. Tornar o educando protagonista do processo ensino-aprendizagem, relacionando o cotidiano da sala de aula com outras linguagens: filme, música e poesia.

Enfrentar o desafio de fazer uma articulação entre os conceitos do cotidiano e os conhecimentos científicos na Geografia escolar na modalidade educação de jovens e adultos permitiu transformar o educando do Proeja um protagonista na pesquisa realizada no bairro do Jardim Botânico. Construir uma sequência didática coletivamente com os educandos possibilitou o desenvolvimento da leitura crítica da espacialidade produzida socialmente e a articulação dialética entre as diferentes escalas geográficas, valorizando o estudo na perspectiva da multiescalaridade.

O trabalho de campo permitiu analisar as principais transformações da realidade social e espacial do Jardim Botânico, em especial as ocasionadas pela ciência e pelo desenvolvimento tecnológico. Os educandos ampliaram sua capacidade de compreensão sobre os imperativos do meio técnico, científico-informacional e da globalização. Desenvolveram a capacidade de verificar diretamente como o homem em sociedade vem criando novos arranjos espaciais, alterando atividades produtivas, o modo de organização do trabalho, as relações sociais e as relações com o meio ambiente.

Delimitar o espaço geográfico do Jardim Botânico na cidade do Rio de Janeiro como campo de pesquisa, o trabalho de campo como uma ferramenta de trabalho que permite estabelecer novas conexões entre o conteúdo teórico e a prática são indicadores de um currículo comprometido com a autonomia docente e pela luta para se construir uma educação geográfica comprometida com prática da liberdade e da emancipação política.

Referências Bibliográficas:

1. SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1981.
2. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino da Geografia?** São Paulo: Contexto, 1995.
3. RESENDE, Márcia M. Spyer. **A Geografia do Aluno Trabalhador**. São Paulo: Loyola, 1986.
4. BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Pedro II: MEC/SEB/Colégio Pedro II**, 2000.
5. ARROYO, Miguel. **Currículo, territórios em disputa**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
6. SERRA, Enio. **Educação Geográfica de jovens e adultos trabalhadores: Concepções, políticas e propostas curriculares**. Tese (Doutorado em Educação). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.
7. VENTURI, Luis Antonio Bittar (Org.) **Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório e geografia e análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.
8. SANTOS, Milton. Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico. In: **Espaço e Método**. São Paulo, Nobel, 1985.